

**A etnografia na pesquisa em Linguística Aplicada: algumas reflexões teórico-  
metodológicas**

**Ethnography in Applied Linguistics research: some theoretical-methodological reflections**

**Ana Paula Simões Pessoa**

UFSC-Universidade Federal de Santa Catarina  
Florianópolis-Brasil

**Resumo:** O presente artigo discute a etnografia como escolha teórico-metodológica para a pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil. Para isso, teço algumas considerações sobre a etnografia como método de pesquisa e apresento algumas transcrições de episódio interacional flagrado em sala de aula de uma escola bilíngue português-inglês, propondo que a análise de dados de práticas de linguagem em articulação com o trabalho de campo de natureza etnográfica potencializa o entendimento adequado das ações situadas. Argumento que a aproximação à perspectiva dos participantes sobre o que ocorre em um dado momento e cenário interacionais precisos, evitam conclusões precipitadas e estabelece conexões com estruturas sociais escolares. Por fim, destaco a valorização do olhar circunstanciado na pesquisa em esferas de atividade escolares.

**Palavras-chave:** Etnografia da Linguagem; Linguística Aplicada; Educação Básica.

**Abstract:** This article discusses ethnography as a theoretical-methodological choice for research in Applied Linguistics in Brazil. For this, I made some considerations about ethnography as a research method and present some transcripts of an interactional episode observed in Portuguese-English bilingual school, proposing that the analysis of language practice data in conjunction with ethnographic fieldwork strengthen proper understanding of situated actions. The argument that the approximation to the perspective of the participants about what happens at any given moment and precise interactional scenario, prevents connections with school social structures from being precipitated and established. Finally, I highlight the appreciation of the detailed view in research in spheres of school activity.

**Keywords:** Ethnography of Language; Applied Linguistics; Primary Education.

## **Introdução**

Entrar em um grupo social, seja ele uma escola, uma instituição, um grupo de língua minoritária, com o intuito de realizar uma pesquisa, pode parecer algo ordinário para nós inseridos em um programa de pós-graduação. Levamos conosco nossa posição de pesquisadores, o que, muitas vezes, pode nos colocar em uma posição superior por representarmos uma instituição reconhecida socialmente.

No entanto, entrar no “território do outro” (CAVALCANTI, 2006) exige muito mais do que isso. Desenvolver pesquisa na escola, ela como *locus* de construção de práticas sociais e de discursos dos próprios atores sociais que compartilham esse espaço, é um desafio inquietante e inspirador, o que gera a necessidade de compreensão aprofundada do espaço escolar.

Neste sentido, o objetivo deste artigo é refletir sobre a contribuição da etnografia para a investigação da educação em linguagem no âmbito da Linguística Aplicada (LA). Para isso, pretendo discutir alguns pressupostos teórico-metodológicos advindos da etnografia para, com esse olhar, problematizar o papel do pesquisador em investigações de cunho qualitativo tendo como contexto especialmente a escola.

Essa discussão que proponho resulta, em termos metodológicos, da pesquisa que desenvolvo nos últimos anos em um contexto plurilíngue no Sul do Brasil.<sup>46</sup> Para tanto, inicialmente discuto a pesquisa de cunho etnográfico como opção teórica. Na sequência apresento a relação e importância da etnografia e os estudos da linguagem, problematizando interações de uma sala de aula bilíngue português-inglês. Por fim, apresento a relevância da etnografia para estudos linguísticos.

### **A pesquisa etnográfica como opção metodológica em estudos da linguagem**

Os métodos etnográficos de pesquisa surgiram, inicialmente, na antropologia, embora outras áreas de estudos, como a própria linguística, utilize-os e os ressignifique para seus propósitos científicos (HYMES, 2001 [1974]). No entanto, há antropólogos que consideram a etnografia “um método específico (e exclusivo?) da pesquisa antropológica”, apresentando certa relutância na aceitação de que variadas áreas de pesquisa se apropriaram dessa orientação metodológica, conforme salientam Garcez; Schulz (2015, p. 21).

---

<sup>46</sup> Projeto aprovado sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética nº 56692222.1.0000.0121.

O emprego antropológico clássico do termo etnografia tem caracterizando-a como uma atividade de pesquisa que requer o convívio, por vários anos, do pesquisador na comunidade alvo de pesquisa, “aprendendo a língua e aplicando método e teoria rigorosos à coleta de dados” (STREET, 2014 [1995], p. 65). Linguistas aplicados, nesse sentido, podem se mostrar cautelosos com relação à afirmação de realizarem etnografia. Porém, há uma via de mão-dupla, na qual a etnografia e a linguística se beneficiam mutuamente, e que valida a abordagem etnográfica na pesquisa linguística, partindo da relação entre fenômenos sociais à linguagem e fenômenos da linguagem ao contexto social. Tendo a clareza do devido uso da etnografia no campo da linguística, uma vez que:

Apreciamos o legado e a prática antropológica, mas não somos antropólogos. Tampouco encontramos muito nossos colegas antropólogos no Brasil que tenham interesse ou mesmo apreciação pelos “detalhes da comunicação”, mas temos a convicção de que a etnografia que fizemos nos fundamenta e qualifica para a interlocução com os profissionais com quem interagimos, no nosso caso professores e outros agentes educacionais na escola, na administração escolar, em organizações e na academia (GARCEZ; SCHULZ, 2015, p. p. 24).

Apesar de utilizar a etnografia para a geração dos registros de pesquisa e para o olhar atento ao contexto pesquisado, destaco que ela pode não contemplar a análise “completa” da vida das pessoas (cf. BARTON; HAMILTON, 2004). Como observa Street (2014 [1995], p. 65), a etnografia, em pesquisas voltadas à educação e a questões sociolinguísticas, é adotada como uma orientação metodológica e de conduta com relação ao tratamento dos registros de pesquisa gerados para a “observação atenta e detalhada das interações em sala de aula” e, às vezes, fora dela.

Os procedimentos metodológicos da etnografia preveem a inserção do pesquisador no campo, como um observador participante, permanente e reflexivo, ouvindo o que acontece nesse meio. Street (2014), ressalta que o trabalho de campo constitui um processo constante de observação, anotação, leitura, reflexão, novas observações e anotações a fim de compreender o cenário em estudo, a vida diária dos participantes, as práticas sociais e o ambiente sociocultural objeto da pesquisa.

O olhar circunstanciado ao contexto pesquisado, do ponto de vista epistemológico e metodológico, tem se revelado como uma possibilidade de privilegiarmos, na condução das nossas investigações, os significados sociais intrínsecos nos usos da língua (BLOMMAERT; DONG, 2010). Essa postura implica rejeitar a conduta de pesquisa que “determina” como padrões sobre a língua e suas práticas letradas “devem ser”. Para então admitir um olhar sensível sobre como as línguas e os letramentos realmente são praticados em dado grupo social.

Desse modo, com base em Canagarajah (2006), afirmo que os métodos de pesquisa da etnografia reúnem consideráveis avanços para o debate político sobre as línguas e seus falantes, contestando a tradição positivista de estudos linguísticos.

A opção pela pesquisa etnográfica representa um caminho para gerar compreensão mais detalhada e aprofundada sobre o campo de estudo, uma vez que o desenho metodológico desse tipo de pesquisa é mais flexível e sensível ao contexto social, como afirma Erickson (1990). O estudo etnográfico nos permite ouvir as vozes das pessoas participantes da pesquisa, no intuito de compreender os conhecimentos produzidos localmente, bem como, as ações e efeitos de suas interações.

Nessa perspectiva, partimos do princípio de que as pessoas participantes são sujeitos sócio-históricos (MOITA LOPES, 2006) que se ressignificam identitariamente e modificam seu meio a partir do engajamento em práticas sociais. Nessa premissa, entendo toda prática de língua(gem) como prática social (FABRÍCIO, 2006; MOITA LOPES, 2006, 2013; PIRES-SANTOS *et al.*, 2015; SANTOS; JUNG; SILVA, 2019; SIGNORINI, 1998) e performática (AUSTIN, 1975; BAUMAN; BRIGGS, 1990; PENNYCOOK, 2010) devido ao seu caráter dinâmico e indissociável do contexto social em que ocorre.

No campo da política linguística, então, as contribuições dessa orientação metodológica são significativas para o desenvolvimento de trabalhos preocupados em compreender os contextos, agentes sociais e processos da política linguística, como sua criação, interpretação e apropriação, além das políticas oficiais e não-oficiais, a relação entre a política e a prática (JOHNSON; RICENTO, 2013).

Os trabalhos em política linguística, assim, adotam uma orientação sensível ao campo social para reconhecerem que questões sobre língua, identidade e atitudes linguísticas são de caráter ideológico e resultam em políticas variadas, difíceis de prever (CANAGARAJAH, 2006).

Nesse cenário, é possível encontrar subsídio na área da Linguística aplicada (LA) em diálogo com a Sociolinguística, Antropologia da Linguagem e a Educação para problematizar a língua(gem) a partir da discussão de ideologias de língua, sujeito, cultura e conhecimento que atravessam as relações sociais no ambiente educacional.

A fim de responder às demandas emergentes no contexto deste estudo, assumo as implicações políticas e éticas das pesquisas em LA (FABRÍCIO, 2006; MOITA LOPES, 2006; SANTOS; JUNG; SILVA, 2019) e o comprometimento em formular teorizações

para entender as epistemologias do contexto e propor alternativas para as necessidades locais.

### **Etnografia, linguagem e educação**

A conexão entre etnografia, linguagem e educação apresenta dois campos de pesquisa: estudos etnográficos sobre o uso da linguagem em contexto educacional e estudos etnográficos em sala de aula na qual a linguagem é ensinada. Em ambos os cenários, a linguagem é fonte principal de geração de dados. Heller; Pietiainen; Pujolar (2018), por exemplo, utilizam o termo *critical ethnographic sociolinguistics* para explicar o papel da linguagem na construção de relações sociais desiguais que moldam nosso mundo. Em termos práticos, a etnografia tem sido entendida como a representação do dia a dia dos participantes de um determinado grupo, embasada nas delimitações teóricas mencionadas nas seções anteriores.

A fim de ilustrar as discussões que tenho tecido neste trabalho, apresento agora alguns exemplos de interações que aconteceram durante a interação entre professor e alunos em uma sala de aula bilíngue português-inglês. Os recortes a seguir foram gerados a partir da observação- participante de múltiplos significados atribuídos às experiências cotidianas pelos próprios participantes do estudo, possibilitando a descrição e o entendimento da natureza complexa e contextualizada dos eventos sociais dessas experiências (ANDRÉ, 1995).

Assim, entendo que interpretar o contexto de estudo a partir das observações prolongadas permite, ao pesquisador, compreender certas ações vivenciadas pelos atores sociais sob suas próprias perspectivas.

A partir da minha observação de uma atividade em grupo durante uma aula de matemática, percebi que, apesar de estar em uma sala de aula bilíngue português-inglês, a presença de uma perspectiva monolíngue é marcante, como exemplifico no excerto 01.

Excerto 01 Student: *Olha, ali têm 4 meninos e 2 meninas;*

**Teacher Arthur:** *There are 4 boys and 2 girls.*

**Student:** *Isso! There are 4 boys and 2 girls. E ali tem 04 boys.*

**Teacher Arthur:** *And there are 04 boys.*

**Student:** *And there are 04 boys (Diário de campo – diálogo entre professor e alunos, 15/09/22)*

Mesmo tendo entendido a fala do aluno, o professor pediu que ele repetisse em língua inglesa, o que havia falado em português. A fala do aluno em português foi desconsiderada, como se não houvesse sentido ou espaço naquele momento, pois a aula em questão era em inglês. Trago essa perspectiva para tensionar as ideias de aprendizagem e percepções de como os repertórios linguísticos são (re)construídos na experiência escolar.

Alinhada a Heller (1999), é possível dizer que a escola apresenta normas rígidas de linguagem, utilizadas para monitorar e moldar a produção linguística dos alunos. Notamos no trecho acima, que o professor faz uso dessa norma por meio de uma técnica chamada *request*, na qual é falado na língua alvo – neste caso inglês – o que o aluno disse na língua materna – nesse caso o português – e o mesmo deve repetir na língua alvo. Situações como esta estavam presentes em todas as aulas acompanhadas durante a geração de dados. Segundo o *teacher* Arthur, no excerto, 02:

*Excerto 02: desde o treinamento somos orientados a utilizar o request como estratégia para que o aluno utilize ao máximo o inglês. Temos que fazer isso em todos os momentos que os ouvimos falar em português. Às vezes é difícil, pois são muitos alunos falando ao mesmo tempo, mas sempre que percebo, tento seguir a metodologia. (Diário de campo – diálogo entre professor e alunos, 27/09/22)*

A partir da fala do *teacher* Arthur, noto que o professor precisa estar atento ao uso do português para que possa utilizar as técnicas e estratégias da metodologia pré-estabelecida, retomando a ideia de monitoramento, apresentada por Heller (1999). Para a autora, essa questão é tão presente na escola que os alunos procuram “meios” de se manifestarem em outra língua que não seja o inglês. Esses “meios” ela chama de espaços, que não são necessariamente geográficos. Os espaços oficiais e públicos da escola são chamados de “*front-stage space*”, enquanto os lugares privados são chamados de “*back-stage space*” (HELLER, 1999, p. 122).

No contexto aqui apresentado, o *front-stage space* são as aulas do bilíngue, ou seja, os momentos que os alunos têm com o professor bilíngue. Nesses momentos os estudantes já sabem que precisam falar em inglês, e caso precisem conversar em português, fazem isso no *back-stage space*, isto é, cochichando entre eles ou utilizando a língua nos intervalos e em outras aulas. Vejamos a seguir outro exemplo, no excerto 03, ainda envolvido na atividade anteriormente mencionada:

**Excerto 03:** *Student 1: aquele grupo está perdendo;*

*Student 2: não, vocês estão na frente só por um ponto;*

*Student 1: mas eu sei que todo mundo vai ganhar;*

*Teacher Arthur: ei! [chamando a atenção do aluno 1]. Ok, if the group speaks in Portuguese and if I see, it's not "teacher, fulano is speaking in Portuguese", I don't care. But if I see the group speaking in Portuguese, the group is going to lose one point, ok? [olhando para os dois alunos que iniciaram a conversa em português e franzindo as sobrancelhas] ok?. (Diário de campo – diálogo entre professor e alunos, 15/09/22)*

Além da questão do monitoramento apresentado anteriormente, notamos neste exemplo que o professor tem a autoridade de controlar os turnos de conversa, ou seja, ele é quem considera quais serão as interações válidas, bem como, a qualidade delas. Outra vez percebemos uma perspectiva pejorativa do uso do português, mesmo em uma sala “dita” bilíngue.

Para Heller (1999), tal situação pode ser chamada de ideologia do bilinguismo como um paralelo monolíngue. Nesta perspectiva, discutida também por Garcia; Wei (2014), há a separação entre as duas línguas – português e inglês – de acordo com o professor e/ou hora do dia na escola. Nos momentos com o professor do bilíngue, os alunos já sabem que devem interagir apenas em inglês, e que as manifestações em português devem ser feitas sem que o professor veja/escute – *back stage space*.

As discussões apresentadas chamam atenção para outro ponto: o tipo de bilinguismo empregado neste contexto e qual a ideologia que ele carrega. Em um encontro com Amanda, integrante da equipe administrativa da escola, perguntei o que as fizeram pensar em trazer o bilinguismo para a escola. Vejamos a seguir o excerto 04.

**Excerto 04:** *Estamos vivendo em um mundo que o inglês está presente em todo lugar. Muitos pais têm procurado esse diferencial nas escolas, as instituições têm se qualificado cada vez mais e retomado a responsabilidade do ensino de inglês. Precisávamos nos manter dentro desse mercado também. Foi muito tempo de conversa e diálogo até a decisão de nos tornarmos bilíngue, um projeto que exigiu muitas reuniões e reflexões. (Conversa presencial na escola Amanda, integrante da equipe pedagógica e administrativa, em 22/11/22)*

A partir dessa fala vemos a preocupação de Amanda e das demais colaboradoras em acompanhar as mudanças em relação ao ensino de inglês na escola. Por outro lado, gostaríamos de problematizar alguns pontos sobre o trecho acima. Quando questionamos a motivação em trazer o ensino bilíngue para a escola, não mencionamos uma língua específica.

Porém, a partir da fala citada acima, o motivo é que essa língua deveria ser adotada por ser a língua “presente em todo o lugar” (AMANDA, 2019, entrevista). Essa visão é fruto de uma invenção da língua por parte de um processo colonial e nacionalista (MAKONI; PENNYCOOK, 2007). Para os autores, o inglês como língua franca é uma criação promovida para beneficiar o capitalismo global e a ideologia neoliberal. Pode-se relacionar a afirmação dos autores à esperança de Amanda em matricular novos alunos na escola a partir de uma proposta bilíngue. Entendemos que para ela, o bilinguismo a que estava se referindo, era a língua inglesa.

Tais reflexões foram possíveis a partir da perspectiva metodológica da etnografia. As subjetividades das pessoas participantes foram trazidas como centrais para a pesquisa e esse movimento resultou em pressupostos teóricos construídos e reformulados durante o estudo, o que é característico da pesquisa etnográfica (FABIAN, 2006; SANTOS; JUNG; SILVA, 2019; PEIRANO, 2014; PIRES-SANTOS *et al.*, 2015).

Embora o recorte deste trabalho não seja diretamente intervencionista, tenho consciência de sua dimensão política, uma vez que pretende de alguma forma ecoar no cenário pesquisado. Além disso, os excertos aqui apresentados pertencem a um discurso social, e o meu papel enquanto pesquisadora foi anotar esse discurso, transformá-lo de acontecimento passado em relato inscrito que pode ser consultado após o momento de sua produção.

Ainda na mesma direção, trabalhar a etnografia no estudo da prática escolar permite, a partir da observação-participante, entrevistas e diário de campo, “documentar o não-documentado” (ANDRÉ, 1995, p. 41), oportunidade de compreender o contexto a partir das interações e comportamentos das pessoas participantes e de suas interpretações sobre as próprias ações e dos demais no meio social.

### **Considerações finais**

Nas pesquisas etnográficas as subjetividades das pessoas participantes são trazidas como centrais para o estudo e esse movimento resulta em pressupostos teóricos construídos e reformulados durante a investigação. As contribuições dessa orientação metodológica são significativas para o desenvolvimento de trabalhos preocupados em compreender os contextos, agentes sociais e processos da política linguística, como sua criação, interpretação e apropriação, além das políticas oficiais e não-oficiais, a relação entre a política e a prática.

Os trabalhos, assim, adotam uma orientação sensível ao campo social para reconhecerem que questões sobre língua, identidade e atitudes linguísticas são de caráter ideológico e resultam em políticas variadas, difíceis de prever.

Essa abordagem metodológica, portanto, contribui com o processo de pesquisa quanto à observação de múltiplos significados atribuídos as experiências cotidianas pelos próprios participantes do estudo, possibilitando a descrição e o entendimento da natureza complexa e contextualizada dos eventos sociais dessas experiências.

Assim, dentro do contexto de estudos que tenho desenvolvido, a abordagem etnográfica contribui, mais diretamente, para a reflexão: (I) da cultura de letramento escolar, observando as práticas de linguagem e suas relações com as identidades; (II) das tensões entre políticas municipais e as práticas escolares; (III) das interpretações das políticas linguísticas municipais concretizadas nas ações corriqueiras na sala de aula; e (IV) das práticas de letramentos locais e dominantes nas línguas que circulam na escola.

A partir das discussões tecidas neste trabalho, procurei destacar o papel que a pesquisa de cunho etnográfico pode desempenhar nos estudos da linguagem em contexto escolar. A complexidade dos eventos sociais estudados exige que o pesquisador tenha em mente que a etnografia, como processo de investigação, requer, além das técnicas e instrumentos de pesquisa, reflexão permanente. Para isso, apresentei algumas interações entre professor-aluno em contexto bilíngue português-ínglês analisadas a partir da etnografia, destacando o modo como essas investigações podem contribuir para a reflexão acerca da linguagem.

Acredito que, discussões sobre questões metodológicas sobre estudos da linguagem que adotam etnografia são necessárias para chamar atenção sobre a natureza desse tipo de investigação.

Um dos principais objetivos em desenvolver pesquisas sob essa ótica reside na preparação da comunidade escolar de modo que todos nela envolvidos possam ter instrumentos e argumentos para implementar suas políticas locais. Acredito que o fato de investigar as amarrações que compõem e emaranham as teorias e práticas locais é um caminho que pode vir a fazer a diferença na vida de todos aqueles envolvidos com educação e linguagem, uma vez que a comunidade é ouvida e tem papel ativo em todo o desenvolvimento da pesquisa.

Por meio de longos períodos de observação, entrevistas, diários de campo e outros registros, é possível lidar com a rotina e com a vida habitual da escola, trazendo à tona questões específicas de cada contexto, examinando comportamentos e práticas de sociais.

Por meio do recorte aqui apresentado, pude problematizar um dos aspectos fundamentais no desenvolvimento de uma pesquisa com viés etnográfico. Meu objetivo foi o de registrar um percurso possível que, na sua singularidade, pode suscitar ecos que contribuam para a construção de outras trajetórias de pesquisa envolvendo sujeitos e questões de linguagem na educação básica.

## Referências

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papirus, 1995.
- AUSTIN, John Langshaw. **How to do things with words**. Oxford university press, 1975.
- BARTON, David; HAMILTON, Mary. La literacidad entendida como práctica social. Traduzido por Catalina Zapata-Vial. In: ZAVALA, Virginia; NIÑO-MUCIA, Mercedes; AMES, Patricia (Editoras). **Escritura y sociedad: nuevas perspectivas teóricas y etnográficas**. Lima: Red para el desarrollo de las ciencias sociales en el Perú, 2004, pp. 109-139.
- BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles L. Poetics and performance as critical perspectives on language and social life. **Annual review of Anthropology**, p. 59-88, 1990. Doi: <https://doi.org/10.1146/annurev.an.19.100190.000423>
- BLOMMAERT, Jan; DONG, Jie. **Ethnographic Fieldwork: a beginner's guide**. Bristol: Multilingual Matters, 2010.
- CANAGARAJAH, Suresh. Ethnographic Methods in Language Policy. In: RICENTO, Thomas (ed.). **An introduction to language policy: Theory and method**. Hoboken: Blackwell Publishing, 2006. p. 153-169.
- CAVALCANTI, Marilda C. Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em linguística aplicada: implicações éticas e políticas. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**, p. 232-252, 2006.
- ERICKSON, Frederick. Qualitative methods. In: Robert L. Linn & Frederick Erickson. Orgs. **Quantitative methods; Qualitative Methods**. Vol.2. New York: Macmillan, 1990.
- FABIAN, Johannes. A prática etnográfica como compartilhamento do tempo e como objetivação. **Mana**, v. 12, n. 2, p. 503-520, 2006. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132006000200010>
- FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, Luís. Paulo da. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, p. 45-65, 2006.

GARCEZ, Pedro de Moraes; SCHULZ, Lia. Olhares circunstanciados: etnografia da linguagem e pesquisa em linguística aplicada no Brasil. **Delta: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 31, n. especial, p. 1-34, 2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/delta/a/JFbNhQBtw53N4C8j3Q36Lvg/?lang=pt&format=pdf>.

Acesso em: 21 nov. 2022. Doi: <https://doi.org/10.1590/0102-445093806057590158>

GARCIA, O.; WEI, L. **Translanguaging: Language, Bilingualism and Education**. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

HELLER, M. Alternative ideologies of la francophonie. **Journal of Sociolinguistics**, v. 3, n. 3, p. 336-359, 1999. Doi: <https://doi.org/10.1111/1467-9481.00082>

HELLER, Monica; PIETIKÄINEN, Sari; PUJOLAR, Joan. **Critical sociolinguistic research methods: Studying language issues that matter**. Routledge, 2018.

HYMES, Dell. **Foundations in sociolinguistics: an ethnographic approach**. Volume 39 (Edição do Kindle). New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2001 [1974].

JOHNSON, David Cassels. Introduction: Ethnography of language policy. **International journal of the sociology of language**, v. 2013, n. 219, p. 1-6, 2013.

MAKONI, S.; PENNYCOOK, A. **Disinventing and Reconstituting Languages**. [London]: Multilingual Matters, 2007.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Ed.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, n. 42, p. 377-391, 2014. Doi: <https://doi.org/10.1590/s0104-71832014000200015>

PENNYCOOK, Alastair. **Language as a local practice**. USA and Canada: Routledge, 2010.

PIRES-SANTOS, Maria Elena *et al.* "Vendo o que não se enxergava": condições epistemológicas para construção de conhecimento coletivo e reflexivo da língua (gem) em contexto escolar. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 31, n. SPE, p. 35-65, 2015. Doi: <https://doi.org/10.1590/0102-4450761813738654418>

PIRES-SANTOS, Maria Elena. **O cenário multilíngue/multidialeto/multicultural de fronteira e o processo identitário “brasiguai” na escola e no entorno social**. Campinas, SP. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas -Unicamp, 253p, 2004.

SANTOS, Maria Elena Pires; JUNG, Neiva Maria; SILVA, Regina Coeli Machado e. Etnografia da linguagem como políticas em ação. **Calidoscópico**, v. 17, n. 1, 2019. Doi: <https://doi.org/10.4013/cld.2019.171.08>

SIGNORINI, Inês (Ed.). **Língua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Mercado de Letras, 1998.

SILVA, Daniel do Nascimento; LOPES, Adriana Carvalho. Yo hablo un perfecto portuñol”: Indexicalidade, ideologia linguística e desafios da fronteira a políticas linguísticas uniformizadoras. **Revista da ABRALIN**, v. 17, n. 2, p. 2. Doi: [10.25189/rabralin.v17i2.515](https://doi.org/10.25189/rabralin.v17i2.515)

STREET, Brian. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução: Marcos Bagno, 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014 [1995].

## **SOBRE A AUTORA**

### **Ana Paula Simões Pessoa**

Mestre em Letras (UEMS), doutoranda em Linguística na área de Políticas Linguísticas pela Universidade Federal de Santa Catarina. É professora de Língua Inglesa e atua também como Designer Instrucional no Centro de Estudos e Pesquisas em Engenharia e Defesa Civil da UFSC. Tem experiência na área de Linguística Aplicada e Estudos da linguagem, tendo atuado principalmente com os seguintes temas: ensino e aprendizagem de línguas, translanguagem, multilinguismo, políticas linguísticas e formação de professores.

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-5126-1652>

**EMAIL:** [anapaulasimoesz@gmail.com](mailto:anapaulasimoesz@gmail.com)

Recebido: 29/08/2022

Aprovado: 17/10/2022